

Jazz  
26 Janeiro 2011

# Steve Lehman Octet

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Saxofone alto Steve Lehman  
Trompete Jonathan Finlayson  
Saxofone tenor Mark Shim  
Trombone Tim Albright  
Tuba Dan Peck  
Vibrafone Chris Dingman  
Contrabaixo Drew Gress  
Bateria Tyshawn Sorey

Qua 26 de Janeiro  
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

## Jazz spectral

O interesse manifestado por variadíssimas figuras da evolução do jazz pela música erudita, e designadamente a sua contemporânea (veja-se, em especial, o caso de Duke Ellington), antecedeu em muito a tendência de cruzamento a que se chamou *third stream* e teve continuidade depois de essa corrente iniciada por Gunther Schuller se ter desvanecido, até chegar aos nossos dias e a um jovem músico como Steve Lehman. No seguimento das associações entre o dodecafonismo serialista e a herança afro-americana operadas por Joe Maneri ou por Anthony Braxton, eis que Lehman, um antigo aluno do segundo destes nomes, ensaia a aproximação dos conceitos harmónicos do spectralismo às estruturas e ao vocabulário do pós-bop. Não o faz, nem podia, como se tivesse tirado um coelho de dentro da cartola: “Enquanto marco histórico, o fascínio de Charlie Parker pela música de Edgar Varèse, e o seu pedido a Varèse para que lhe desse lições de composição, é um exemplo importante para mim – Varèse, tal como Messiaen, é considerado habitualmente como um compositor proto-espectral.”

Esse encontro entre génios nunca chegou a acontecer, devido à prematura morte de Parker, mas se se tivesse realizado, aquilo a que Steve Lehman se propôs em 2009 com o álbum *Travail, Transformation and Flow*, classificado como o melhor disco do ano pelo *New York Times* e constante no Top 10 de publicações internacionais como *ArtForum*, *NPR*, *Newsweek*, *Village Voice*, *Berliner Zeitung*, *Jazz Thing* e a portuguesa *jazz.pt*, poderia ter-se tornado uma realidade bem mais cedo.

Ditaram as circunstâncias que assim não fosse, mas o certo é que esse caminho está finalmente a ser trilhado e tanto críticos como musicólogos vão afirmando que é o futuro do jazz, ou pelo menos um dos seus futuros, que está assim a ser concebido. Vamos ter o privilégio de o testemunhar com esta vinda do Steve Lehman Octet a Lisboa.

O saxofonista e compositor novaiorquino vem apresentando o projecto da seguinte forma: “Em termos simplificados, podemos dizer que esta é uma proposta de utilização do timbre e das propriedades físicas da acústica na composição. O timbre é habitualmente encarado como um parâmetro isolado ou como uma variável musical por si e em si mesma, mas a verdade é que é constituído por uma multitude de fenómenos interactivos. O modo como o nosso ouvido é capaz de discernir a diferença entre um clarinete e um trompete não tem que ver apenas com os harmónicos desses instrumentos, ou com o volume de cada harmónico individualizado, mas também com o ataque dos sons e com o que sucede a esses parciais ao longo do tempo. Acredito, tal como Tristan Murail, que a música spectral é mais uma atitude composicional do que uma colecção de técnicas de escrita.”

O que Lehman realiza tem início num rigoroso trabalho de análise e decomposição das frequências e dos *overtones* produzidos pelos instrumentos que integram o seu octecto (saxofones soprano, alto e tenor, trompete, trombone, tuba, vibrafone, contrabaixo e bateria), por meio de um computador. As partituras com a orquestração realizada são, depois, entregues à execução dos mesmos, e se parece electroacústica

a música que se ouve (“o espectralismo nasceu da tentativa de transpor as sonoridades electrónicas para os instrumentos acústicos”, diz Steve Lehman), o certo é que a informática apenas surge na primeira fase de criação do novo jazz espectral. Características particulares deste são o total afastamento da lógica de intervalos e progressões harmónicas típicas no jazz, o uso de microtonalidades e, sobretudo, de quartos-de-tom, algo de particularmente difícil quando estão envolvidos aerofones, a repartição dos convencionais fraseados jazzísticos pelo colectivo, cada intérprete encarregue apenas de uma parte do todo, e uma organização/mesclagem dos sons ao nível celular.

A melhor explicação do processo a um leigo é a que recorre a imagens, como nesta tentativa surgida na imprensa americana: “Pensem numa nota – por exemplo, uma nota tocada num oboé – como um saco de berlindes, e imaginem o que acontece quando abrimos esse saco. Os berlindes que saltam representam os micro-sons que distinguem essa nota de oboé da mesma nota tocada por um clarinete. Um músico espectral joga com a informação que está dentro de cada nota, de modo a criar um número infinito de combinações harmónicas.”

Se o projecto musical de Steve Lehman significa o abandono de um pilar essencial da linguagem a que chamamos jazz, a harmonia específica deste – por alguns considerada o seu calcanhar de Aquiles –, o curioso é que o músico chegou a Tristan Murail, seu professor de composição no doutoramento que está a tirar na Columbia University, pela via dos ensinamentos

que antes obteve de Jackie McLean, um dos mestres do *hard bop* e autor de um dos mais seminais discos do jazz moderno, *One Step Beyond*. “Foi o foco de McLean no som e no timbre que me conduziu ao espectralismo”, refere este grande inovador do nosso tempo. Na música como em tudo o mais, vivemos num tempo de confluências, e o próprio Murail referiu já que os processos que sistematizou com Gérard Grisey, outro renomado compositor espectralista, provieram da audição de Rimsky-Korsakov, Ravel, Scriabin, Stockhausen e Ligeti. Aliás, Tristan Murail vê com bons olhos os sincretismos de Lehman: “A junção destas técnicas a uma música de inspiração jazz podia ser desastrosa, mas com o Steve soa de maneira muito natural. É muito especial, muito pessoal.”

A uma audição mais superficial, há bastantes semelhanças entre *Travail, Transformation and Flow* e a produção discográfica da editora Blue Note na década de 1960, o que prefigura um claro alinhamento estético. Por outro lado, denota-se também o envolvimento *avant-garde* motivado pela influência de Braxton, com quem Lehman colaborou estreitamente. O painel de referências do jazz espectral de Steve Lehman não se fica, no entanto, pela tríade Jackie McLean/Anthony Braxton/Tristan Murail, pois na equação surge igualmente Steve Coleman. O nosso visitante adopta alguns dos conceitos-chave da filosofia M-Base deste último, designadamente a inclusão de materiais de todos os ramos da saga musical africana na América, ou seja, além do jazz, o funk, a soul, o rhythm 'n' blues, o hip-hop... Se no Octet a melodia tem uma importância secundária, também neste aspecto ao contrá-

rio dos usos hoje maioritários no jazz, já o ritmo é fundamental. Lehman contrabalança o cerebralismo das estruturas com a visceralidade do *groove*, e para tal recorre às rítmicas dessas expressões negras e também às da *club music*, suas herdeiras. Até nisso ele descobre o que se julgaria serem insuspeitos relacionamentos: “Há fortes conexões entre a fusão de sons do espectralismo e a realizada, por exemplo, pelo hip-hop experimental.”

Se bem que, por enquanto, ache que está apenas a “coçar a superfície”, este cruzamento de fronteiras entre a música erudita, vulgo “séria”, e a popular, de dança, entre a alta cultura e a cultura de divertimento, não sendo inédita, promete consequências inusitadas, pelo facto de ir mais longe do que alguma vez se tentou. Neste particular, a inclusão do tema *Living in the World Today*, do rapper GZA/The Genius, estrela do grupo Wu-Tang Clan, em *Travail, Transformation and Flow*, tem uma forte carga simbólica. E claro que isto só é possível graças à emergência de um novo tipo de músicos que não apenas ouve, e aprecia, diferentes géneros musicais, como é capaz de os praticar com a máxima competência. Os membros do octeto, Mark Shim (no CD foi Jeremy Viner), Jonathan Finlayson, Tim Albright, Dan Peck (em substituição de Joe Davila), Chris Dingman, Drew Gress, Tyshawn Sorey e, obviamente, o próprio Lehman, são, assim, “instrumentistas que têm a vantagem de poder recorrer a distintas ferramentas e que estão habilitados a atravessar diversos idiomas e estilos”.

Assim, uma fórmula que no século XX surgira como um sistema fechado sobre

si mesmo, é neste dealbar do XXI o mecanismo de base de uma realidade musical composita que promete fascinantes desenlaces. “Até agora – afirma Steve Lehman –, estou excitado com o trabalho desenvolvido.” Espera-se que este alvoroço seja contagiante...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,  
editor da revista *jazz.pt*

---

## Steve Lehman

saxofone alto

---

Steve Lehman (nascido em Nova Iorque em 1978) é compositor, músico, investigador e professor que trabalha no cruzamento de um largo espectro de idiomas da música experimental. As peças de Lehman para grande orquestra e conjuntos de câmara foram interpretadas por International Contemporary Ensemble (ICE), So Percussion, Kammerensemble Neue Musik Berlin, The Jack String Quartet, membros dos ensembles Argento e Wet Ink e pelo pianista Marilyn Nonken. Saxofonista alto e soprano, Lehman tocou e gravou nacional e internacionalmente com os seus próprios conjuntos ou com bandas lideradas por Anthony Braxton, Dave Burrell, Mark Dresser, Vijay Iyer, Oliver Lake, Meshell Ndegeocello, David Wessel e High Priest of Anti-Pop Consortium. A sua discografia inclui nove títulos como líder e outros tantos como *sideman*. A sua música electro-acústica recente tem-se concentrado no desenvolvimento de modelos computorizados para improvisação baseados no ambiente de programação Max/MSP. O trabalho de Lehman tem recebido críticas favoráveis em *Artforum* (uma das mais conceituadas revistas de artes visuais), *Downbeat Magazine*, *The New York Times*, *Newsweek*, *The Wire*, na National Public Radio e na BBC.

Como bolsheiro Fulbright em França no ano académico de 2002/2003, Lehman começou a investigar sobre a recepção dos compositores experimentais afro-americanos que trabalharam em França na década de 1970. O artigo

que publicou na revista *Critical Studies in Improvisation*, “I Love You with an Asterisk: African-American Experimental Composers and the French Jazz Press, 1970-1980” é um resultado dessa investigação. Actualmente está a trabalhar num estudo acerca da sobreposição da música espectral com a improvisação contemporânea.

Lehman completou o seu BA (2000) e o seu MA (2002) em Composição na Wesleyan University onde estudou com Anthony Braxton, Jay Hoggard e Alvin Lucier, trabalhando ao mesmo tempo com Jackie McLean na Hart School of Music. Actualmente é candidato a um doutoramento em Composição Musical na Universidade de Columbia, onde é membro de departamento e estuda com Tristan Murail e George Lewis.

Lehman ensinou na Wesleyan University, Conservatoire National de Musique de Paris, New School University e Columbia University e foi conferencista em Amherst College, UC Berkeley, UC Irvine, CalArts, The Berklee School of Music, Comish College of the Arts e School for Improvisational Music.

O seu mais recente álbum (o único com este octeto), *Travail, Transformation & Flow* (2009) foi escolhido como melhor disco do ano pelo *NY Times* e muitas outras publicações e websites. [www.stevelehman.com](http://www.stevelehman.com)

---

## Jonathan Finlayson

trompete

---

Finlayson nasceu em Oakland, Califórnia. Desde que se mudou para Nova Iorque para frequentar The New School for Jazz

and Contemporary Music, tem tido uma voz activa na cena da música criativa nova-iorquina.

Um veterano do grupo visionário Steve Coleman and Five Elements, de que faz parte desde 2003, e com quem esteve na Culturgest em 2008. Finlayson adquiriu um conhecimento e uma experiência inestimáveis da sua colaboração com Steve Coleman. Participou ainda em grupos liderados por Ravi Coltrane, Steve Lehman, Mary Halvorson, Tomas Fujiwara e tocou com aclamados músicos como Vijay Iyer, Jason Moran, Nasheet Waits, Dafnis Prieto ou Von Freeman.

A revista *Downbeat* escolheu-o em 2007 como um dos 25 trompetistas do futuro.

Lidera o seu grupo Common Thread, com Shane Endsley no trompete, e outros músicos que têm variado. A mais recente formação inclui Miles Okazaki na guitarra, Keith Witty no contrabaixo, Damion Reid na bateria. Os Common Thread têm-se apresentado mais do que uma vez no Festival of New Trumpet Music (FONT) em Nova Iorque, que é co-dirigido por Dave Douglas, para além de tocarem em vários locais de Nova Iorque. A partir de [www.pirecordings.com/artist/Jonathan\\_Finlayson](http://www.pirecordings.com/artist/Jonathan_Finlayson) e outras informações dispersas na net

---

## Mark Shim

saxofone tenor

---

Shim nasceu em Kingston, na Jamaica. Em 1973, foi para o Canadá e mais tarde fixou-se em Richmond, Virgínia. Começou a estudar saxofone muito novo, finalizando os estudos secundá-

rios em 1991 e frequentando a Virginia Commonwealth University e o William Paterson College. Em 1994 mudou-se para Brooklyn onde tocou e gravou com Hamiet Bluiett. Tocou então com Mose Allison, Betty Carter, Greg Osby e Mingus Big Band.

Ao seu álbum de estreia *Mind Over Matter* (Blue Note, 1998) seguiu-se *New Directions*, um projecto de um grupo jovem que incluía Osby, Jason Moran e Stefon Harris e depois o admirável *Turbulent Flow*, ambos editados pela Blue Note em 2000.

Com um timbre profundo único, e interesses que vão do bop *swingado* ao *funk* ou *avant-garde*, Shim continua a actuar, gravar e a fazer digressões com artistas como Delfeayo Marsalis, Carmen Lundy, The Headhunters, Michele Rosewoman, Liberty Ellman e Steve Lehman.

[www.allaboutjazz.com/php/musician.php?id=4287](http://www.allaboutjazz.com/php/musician.php?id=4287)

---

## Tim Albright

trombone

---

Nasceu e cresceu em St. Helena, Califórnia. Começou a estudar piano com cinco anos, corneta com oito e descobriu o seu verdadeiro amor, o trombone, com nove. Bacharel em Música (com o trombone como instrumento) pela Eastman School of Music, desde 1999 que vive e trabalha em Nova Iorque.

Tem desenvolvido a sua carreira *freelance* como músico e professor em Nova Iorque. Pode ser ouvido frequentemente como membro da banda de

Steve Coleman, os Five Elements. É trombonista nos Atlantic Brass Quintet, Riverside Symphony e Argento New Music Project, e é actualmente membro da orquestra do aclamado musical revivalista da Broadway, *West Side Story*. Tim tocou com a Orquestra de Jazz de Maria Schneider, The Knights, com o trompetista Ralph Alessi, o clarinetista Don Byron e artistas tão populares como Sufjan Stevens, Rufus Wainwright, The National, Antony and the Johnsons, Martha Wainwright, Kate e Anna McGarrigle, e Last Shadow Puppets. Participou em numerosas produções da Broadway como *Spamalot*, *The Producers*, *A Chorus Line*, *Dirty Rotten Scoundrels*, *Legally Blonde* e *Fosse*.

Para além de uma intensa actividade em palco, Tim está muito tempo a gravar em estúdio. Gravou música para cinema e televisão e com artistas como International Contemporary Ensemble, Riverside Symphony, Gary Morgan and Panamericana, Steve Lehman, Steve Coleman, Ralph Alessi e Don Byron, entre outros. Tim é professor na Juilliard Pre-College, e ensina anualmente com o Atlantic Brass Quintet nos seus seminários de Verão em Sonoma, Califórnia, e Boston.

Como se evidencia pela variedade de estilos de música que pratica, Tim tem interesses e influências musicais muito amplos. Entre os seus músicos favoritos estão Miles Davis, Stevie Wonder, J.J. Johnson, Charlie Parker, Bach, Bartok, Joni Mitchell, My Brightest Diamond, Kneebody, Caetano Veloso, Radiohead, The Beatles e o noneto de Alan Ferber.

<http://newyorkchamberbrass.com/bio-tim.htm>

---

## Dan Peck

tuba

---

Dan é um tubista, multinstrumentista e músico criativo que vive e trabalha em Nova Iorque. Desde que para lá se mudou, em 2005, tem estado activo como solista, improvisador, músico criativo, compositor e colaborador em vários projectos. Estreou peças para tuba solo de Robert Sirota, Craig Woodward e Ignacio Baca-Lobera e tocou em recitais a solo em St. Bartholomew's Church, Merkin Hall e The Stone. Em formações de grupo, Dan trabalhou com maestros como James Levine e Herbert Blomstedt, compositores como Anthony Braxton e Bruce Neely, e grandes artistas da cena nova-iorquina como Dave Taylor e David Liebman. Toca com o International Contemporary Ensemble e apresentou-se com as bandas Alarm Will Sound, Second Instrumental Unit, New World Symphony e a Orquestra do Festival de Tanglewood, entre outras.

À vontade tanto no domínio do jazz criativo como da música contemporânea, Dan também participa na banda de jazz tradicional Grandpa Musselman and His Syncopators. Os Syncopators tocam frequentemente em clubes de variedades (*burlesque*, no original; género de espectáculo teatral musical americano, com semelhanças com a nossa Revista, inclui números de *striptease*, graças obscenas, etc.; o género teve origem no século XIX, mas desde os anos 1990 que tem surgido um surto revivalista) dentro e à volta da cidade e foram convidados pelo Festival de Jazz de Aspen em 2007, dirigido pelo contrabaixista Christian McBride. Em Junho de 2008, em conse-

quência da sua ligação aos Syncopators, Dan tocou num espectáculo de variedades (*burlesque*), que coordenou e para o qual escreveu a música original, no Beach Festival que decorreu no Coney Island Freak Show Museum.

Actualmente Dan gosta de se encontrar e tocar com todo o tipo de músicos criativos da cidade. Gosta muito de colaborar com compositores de hoje de modo a trazer para a tuba mais peças em solo ou de música de câmara e também tem um interesse especial por obras multidisciplinares de música e arte. Frequentou a Manhattan School of Music e a Mason Gross School of Arts na Universidade de Rutgers, onde recebeu o Presser Foundation Award. De entre os seus principais professores podem citar-se Scott Mendoker, Toby Hanks e Warren Deck.

[www.iceorg.org/about/artist/peck.html](http://www.iceorg.org/about/artist/peck.html)

---

## Chris Dingman

### vibrafone

---

Saudado pelo *New York Times* como um solista e compositor “deslumbrante” com uma “predilecção por uma sólida lógica e um lirismo polido”, Dingman é um dos mais solicitados vibrafonistas da sua geração. Formado da tradição do jazz mas influenciado por um largo espectro de músicas e experiências, Dingman vai buscar a sua inspiração e sentido a um diversificado leque de fontes musicais, unindo-as numa abordagem progressiva que lhe valeram ser louvado pelo seu “pungente trabalho” (David Sprague, *Variety*), a sua “humildade adaptável” (Nate Chinen, *New York*

*Times*) e como “francamente hipnótico” (John Barron, *All About Jazz*). Tocou e estudou com muitos dos melhores músicos do mundo como Herbie Hancock, Wayne Shorter, Benny Golson, Jimmy Heath e muitos outros. Agora baseado em Brooklyn, Nova Iorque, está a trabalhar com vários dos artistas mais importantes nos campos do jazz e da música criativa, como *sideman* ou como líder do seu projecto Waking Dreams.

Desde a sua chegada a Nova Iorque em 2007, Dingman começou a tocar em grupos liderados por Ambrose Akinmusire, Steve Lehman, Gerald Clayton, Jen Shyu, Mark Taylor, Mike Moreno, Harris Eisenstadt, Adam Rudolph, Keith Witty, Bryan Copeland e muitos outros. Participou em vários álbuns muito bem recebidos pela crítica como *Travail, Transformation, and Flow*, de Steve Lehman (Pi Recordings); *Prelude: to Cora*, de Ambrose Akinmusire (Fresh Sound/New Talent) e *Canada Day*, de Harris Eisenstadt (Clean Feed) entre outros. Também aparece como solista convidado no álbum *Bossa Beleza* de Gabriela Anders (E1 Music/Koch Records). Foi nomeado “Rising Star” em vibrafone em 2009 pelos críticos reunidos pela revista *Downbeat* e nos dois últimos anos, Phil DiPietro, membro da Jazz Journalist Association nomeou-o para a lista dos 10 melhores *sidemen* do ano.

No Outono de 2009 Dingman formou o seu actual quinteto, um projecto que lidera. A *suite Waking Dreams* é uma colecção de peças que desenvolvem uma narrativa que flui suavemente de andamento em andamento, desde a escuridão até à luz, num percurso da consciência e aceitação até um

estado de alegria e que se conclui num ambiente de paz e serenidade. O projecto conta com a participação de grandes artistas numa instrumentação em quinteto que inclui vibrafone, saxofone/trompete, piano, contrabaixo e bateria, com, alternadamente, Ambrose Akinmusire, Loren Stillman, Mark Small, Fabian Almazan, Joe Sanders, Aidan Carroll, Justin Brown, Eric McPherson e Tommy Crane. O quinteto actua regularmente em muitos dos melhores locais para se escutar jazz em Nova Iorque como Zinc Bar, Jazz Gallery, St. Peter’s Church, Cornelia Street Café.

A actividade de Dingman como *sideman* também cresceu nos últimos anos. Em Novembro de 2009 participou na composição, em forma de *suite*, de Noah Baerman, *Know Thyself* financiada por um subsídio para “Novas Obras” da Chamber Music America, e registada em CD em 2010. Em Dezembro de 2009 participou em *Raging Waters, Red Sands*, de Jen Shyu, encomenda de Jazz Gallery e tornada possível em parte pela Jerome Foundation. Em 2010 Dingman gravou com Anthony Braxton, a Organic Orchestra de Adam Rudolph, o grupo do contrabaixista Bryan Copeland, Bryan and the Aardvarks, para além de digressões com o octeto de Steve Lehman, gravações em estúdio com o seu quinteto Waking Dreams, numerosas aparições na área de Nova Iorque.

Dingman cresceu em San Jose, Califórnia e começou a estudar muito cedo piano e percussão. Frequentou a Wesleyan University onde completou o seu BA em música. Aí estudou com o vibrafonista Jay Hoggard, o baterista Pheeroan AkLaff, Anthony Braxton, o tocador de “mridangam” (instrumento

de percussão indiano) David Nelson. Durante esse tempo esteve muito envolvido no estudo de diferentes culturas musicais, como as do Sul da Índia, da África Ocidental, da Coreia, a afro-cubana, a brasileira. No Verão de 2000 foi até Kerala, no Sul da Índia, para aprofundar os seus conhecimentos de “mridangam” e da música clássica dessa zona da Índia.

Em 2005 foi um dos sete músicos seleccionados por Herbie Hancock, Wayne Shorter e Terence Blanchard para participar no Thelonious Monk Institute of Jazz Performance da University of Southern California (USC) em Los Angeles. Aí estudou com Blanchard, Ron Carter, Benny Golson, Jimmy Heath, Jerry Bergonzi, Wynton Marsalis, Jason Moran, Lewis Nash, Hal Crook, Stefan Harris, John Magnussen, Vince Mendoza, Russell Ferrante e muitos outros. Completou o seu mestrado em música na USC em 2007.

Durante esse período teve a oportunidade de tocar frequentemente com Herbie Hancock e Wayne Shorter. Em Novembro de 2005 viajaram, com a banda do Monk Institute, desta vez para o Vietname, financiados pelo Departamento de Estado, dando concertos e *masterclasses*. Em 2007 voltou a viajar com Hancock, Shorter e o ensemble do Monk Institute, desta vez para a Índia – Mumbai, Calcutá, Nova Deli e Agra – onde tocaram para multidões e apresentaram *workshops* no Ravi Shankar Institute em Nova Deli e na St. John’s School em Mumbai.

Chris tem vindo a ensinar estudantes de todas as idades e níveis nos últimos 12 anos, dirigindo *masterclasses* em escolas secundárias e conservatórios,

nacional e internacionalmente, dirigindo campos de Verão musicais para estudantes entre 11 e 18 anos, liderando bandas de jazz em escolas de níveis secundário e médio, dando aulas de percussão a grupos de crianças e adultos. Dá aulas privadas de vibrafone, piano, percussão e improvisação em jazz.

[www.chrisdingman.com](http://www.chrisdingman.com)

---

## Drew Gress

contrabaixo

---

Drew Gress nasceu em Yardley, Pensilvânia, em 1959. Actualmente vive em Nova Iorque onde é um dos contrabaixistas mais requisitados. Tem trabalhado intensamente com muitos artistas inovadores no campo da música contemporânea improvisada.

A sua última gravação, *The Irrational Numbers* (Premonition) apresenta composições originais suas para quinteto. Entre os discos anteriores, muito elogiados pela crítica, contam-se, por exemplo, *7 Black Butterflies* (2005) e *Spin & Drift* (2001). Projectos futuros incluem um novo quinteto, uma gravação a solo e um projecto de música electrónica.

Drew tocou nas bandas de John Abercrombie, Ralph Alessi, Tim Berne, Don Byron, Uri Caine, Bill Carrothers, Ravi Coltrane, Marc Copland, Mark Feldman, Fred Hersch, John Hollenbeck, Tony Malaby e John Surman.

Fez digressões pelas Américas do Norte e do Sul, Europa e Ásia e foi artista residente no Conservatório de São Petersburgo e no Conservatório de Paris. Foram-lhe concedidas bolsas por National Endowment for the Arts,

Meet the Composer e Chamber Music America.

[www.drewgress.com/drew.html](http://www.drewgress.com/drew.html)

---

## Tyshawn Sorey

bateria

---

Tyshawn Sorey (nascido em Newark, New Jersey, em 1980) é um activo compositor, multinstrumentista (toca com a mesma mestria instrumentos tão díspares como o piano, o trombone e a bateria), professor e investigador cujo trabalho abrange uma gama extensa de idiomas musicais. Como percussionista, trombonista e pianista Tyshawn tocou e/ou gravou nacional e internacionalmente com os seus próprios conjuntos e os liderados por Muhal Richard Abrams, Steve Coleman, Lawrence D. “Butch” Morris, Sylvie Corvoisier, Michele Rosewoman, Anthony Braxton, Vijay Iyer, Wadada Leo Smith, Ikue Mori, Steve Lehman, Dave Douglas e Billy Bang, entre muitos outros. O seu trabalho tem recebido críticas favoráveis de *Traps*, The National Public Radio, *The Village Voice*, *The Wire*, *The New York Times*, *Modern Drummer*, *JazzTimes*, *The Star-Ledger* e *Downbeat*, e na estação de rádio WKCR-FM. Tem aparecido regularmente, desde 2007, na lista dos melhores músicos elaborada pelos críticos na revista *Downbeat*. O seu artigo em *Arcana 4* (editada por John Zorn), “Meaning in Music”, examina a sua abordagem quer à composição quer à improvisação. Sorey completou o seu bacharelato em estudos musicais e instrumento em 2004 na William Paterson University onde estudou com John

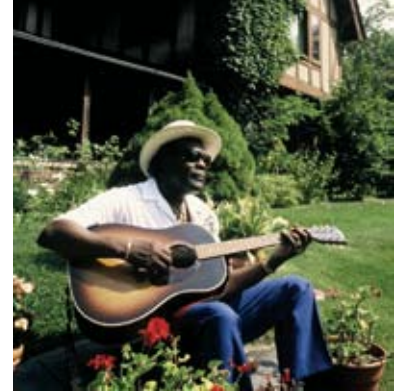
Riley, James Williams e Kevin Norton, ao mesmo tempo que estudava composição com Anton Vishio e John Link e trabalhava com Peter Jarvis, director do New Jersey Percussion Ensemble. Sorey também conduziu e participou em várias conferências e *masterclasses* sobre improvisação, percussão contemporânea, combo e teoria da crítica no International Realtime Music Symposium na Noruega, Hochschule für Musik Köln, School of Improvisational Music, Musikhochschule Nürnberg, Berklee College of Music, Birmingham Conservatory of Music em Inglaterra, e Cité de la Musique em Paris. Recebeu encomendas de Van Lier Fellowship e Roulette, mais recentemente para uma obra em partes, um *work in progress*, intitulado *Wu-Wei*, estreado na sua totalidade no The Stone em Nova Iorque onde foi programador em Agosto de 2009 (The Stone foi criado e é dirigido artisticamente por John Zorn; a programação de música experimental e *avant-garde* é escolhida todos os meses por um ou dois músicos diferentes ou outras personalidades convidadas). Actualmente Tyshawn é professor de combo, de composição e improvisação na School of Improvisational Music em Brooklyn, Nova Iorque.

[www.akamu.net/sorey/biography.htm](http://www.akamu.net/sorey/biography.htm)

# Luther “Guitar Junior” & The Magic Rockers

Ciclo Hootenanny

Comissário: Ruben de Carvalho



**Música** Sáb 29 Janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M12

**Guitarra** Luther Johnson

**Bateria** Ralph Penn Kimble, Jr.

**Saxofone** Lynwood Cooke

**Guitarra baixo** Kenneth Lane Bleckley

**Guitarra** John Talbot Ward

É do inesgotável filão do West Side de Chicago que virá o primeiro espectáculo do Hootenanny de 2011: Luther Johnson, que ganhou para sempre o nome de Luther “Guitar Junior” Johnson por não ter ainda 20 anos quando, ainda na década de 50 do século passado, assinou, pela mão de Magic Sam, o seu primeiro contrato como músico. Nascido no Mississipi em 1939, fez com a sua família a viagem para o Norte que criou o pujante universo afro-americano de Chicago onde, durante oito anos – de 1972 a 1980 – integrou a lendária formação de Muddy Waters. Com a própria banda que depois constituiu, os Magic Rockers, percorreu os Estados Unidos e

todo o mundo em sucessivas digressões que consagraram a sua técnica de guitarrista e a expressividade da sua voz. Gravou e viria ser galardoado com o Grammy de Best Traditional Blues Album em 1985, prémio para que seria novamente nomeado em 1999.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.



#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

#### Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---